

Economia

Conjuntura

Austeridade pode não chegar para controlar défice público

Recessão económica em 2011 e nova divergência, em 2012, face ao crescimento que Bruxelas prevê para a zona euro e os Vinte e Sete

Isabel Arriaga e Cunha, Bruxelas

Portugal terá de reforçar as medidas de austeridade previstas para 2011, se se confirmar um crescimento da economia inferior ao previsto que impeça o cumprimento da meta de 4,6 por cento do PIB para o défice orçamental acordada com os parceiros europeus. O aviso foi ontem feito por Olli Rehn, comissário europeu da economia e finanças, cujas previsões para 2011 em termos de crescimento do PIB, défice orçamental, dívida pública e desemprego são piores do que as avançadas por Lisboa.

“Se os objectivos orçamentais não forem atingidos devido a um crescimento económico inferior ao que o Governo assume, será essencial alcançá-los, se necessário, com medidas adicionais”, avisou o comissário. Bruxelas prevê para o próximo ano uma contração de 1 por cento do PIB em Portugal, que será, em conjunto com a Grécia, o único país de toda a União Europeia (UE) que estará nessa altura em recessão. Em 2012, o país deverá voltar a crescer, embora a previsão de 0,8 por cento se anuncie como a mais baixa de toda a UE.

A recessão do próximo ano será o resultado directo das medidas de austeridade já introduzidas ou a vigorar a partir de Janeiro, e que se saldarão por uma forte redução do consumo, o principal

motor do crescimento deste ano.

Segundo a Comissão, aliás, a economia portuguesa já está actualmente em terreno negativo, com uma contração do PIB de 1,4 por cento no último trimestre deste ano face aos três meses anteriores. Mesmo se o Governo previu um crescimento da economia de 0,2 por cento em 2011, as suas previsões de receitas contêm uma importante margem de manobra por terem sido baseadas numa recessão de 0,7 por cento - o que, mesmo assim, é mais optimista do que o cenário ontem traçado por Bruxelas, o que pesará sobre as contas públicas.

Em consequência, a previsão da Comissão para o défice orçamental é agravada para 4,9 por cento do PIB, um resultado que sofrerá nova deterioração para 5,1 por cento do PIB em 2012 - em vez dos 3 por cento previstos pelo Governo, o que obrigará à adopção de novas medidas de austeridade em 2012.

O forte crescimento da dívida pública para 88,8 por cento do PIB no próximo ano continuará a aumentar o peso dos encargos com os respectivos juros, que, segundo a Comissão, se tornarão na categoria de despesas com a progressão mais rápida em 2011.

Os juros da dívida serão, aliás, segundo a Comissão, um dos principais factores que dificultarão o equilíbrio das contas públicas. Isso significa que o país entrou num círculo vicioso de

Olli Rehn tem muitas dúvidas sobre capacidade de recuperação portuguesa

aumento do endividamento para financiar o défice que continua a crescer devido aos encargos crescentes com a dívida. Bruxelas refere outros dois factores que tornarão a redução do défice mais difícil: o menor crescimento do PIB e os “ambiciosos planos de despesa” que, tudo indica, se referem à construção do TGV.

O desemprego também vai continuar a subir, para 11,1 por cento no próximo ano e 11,2 por cento em 2012, contra 10,5 por cento este ano e 9,6 por cento no ano passado. Ao invés, tanto a zona euro como a UE já atingiram este ano o pico do número de desempregados, cujo número deverá baixar dos valores de 10,1 e 9,6 por cento previstos para este ano, respectivamente, para 9,6 e 9,1 por cento em 2012.

Bruxelas alinha, em contrapartida, com as previsões do Governo no que se refere aos resultados de 2010 tanto em termos de crescimento económico - 1,3 por cento - como de défice orçamental - 7,3 por cento. Mas lembra que a redução do défice relativamente aos 9,3 por cento registados no ano passado resultou essencialmente do aumento das receitas - sobretudo do IVA - e da absorção pelo Estado do fundo de pensões da PT. Ao invés, sublinha, a despesa pública continuará a aumentar a um ritmo superior ao do PIB, devido sobretudo aos juros da dívida, transferências sociais e equipamento militar.



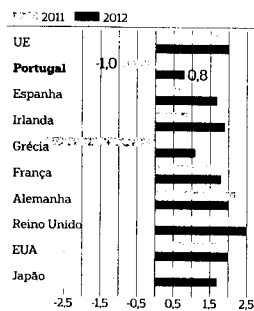
Bruxelas alerta para “divergência” económica entre a zona euro e o resto da UE

A economia europeia está a sair da crise económica e financeira a um ritmo superior ao previsto, mas as diferenças entre os países do centro e Norte da Europa - relativamente aos periféricos e do Sul em termos de crescimento do PIB, défice orçamental e desemprego são cada vez maiores.

Segundo as previsões da Comissão Europeia, a economia da zona euro terá este ano uma progressão de 1,7 por cento, uma décima menos que a totalidade da UE. Em 2011, os valores das duas zonas sofrerão uma ligeira baixa, para 1,5 e 1,7 por cento, respectivamente, devido sobretudo ao fim dos programas de estímulo à economia lançados há dois anos. Em 2012, a actividade económica voltará a acelerar-se para 1,8 por cento na zona euro e 2 por cento no conjunto dos Vinte e Sete.

Tão importante como a confirmação da saída da recessão é o facto de o crescimento, que no início do ano foi sobretudo induzido pelas exportações, ter passado a ser cada vez mais assegurado pela procura interna, sublinhou Olli Rehn, comissário

Várias velocidades PIB em percentagem



FONTE: Comissão Europeia

europeu responsável pela economia e finanças.

Rehn reconheceu que a retoma europeia é “bastante desigual” consoante os Estados, chegando a falar de “dualismo” entre a Alemanha, “que recuperou com muita força da crise financeira e da recessão económica” em conjunto com alguns dos seus vizinhos, e

“alguns países na Europa do Sul a par da Irlanda” que “enfrentam dificuldades significativas devido sobretudo aos déficits ligados à consolidação orçamental”.

Berlim foi o grande motor da recuperação europeia graças ao forte crescimento da sua economia de 3,7 por cento - depois de uma contração do PIB de 4,7 por cento em 2009 - , valor apenas ultrapassado pela Suécia e pela Eslováquia. O seu défice será no próximo ano de 2,7 por cento do PIB. Em contrapartida, os países considerados mais problemáticos - Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda, mas igualmente, nalguns indicadores, a França e a Itália - acumulam, com mais ou menos variantes, as taxas de crescimento do PIB mais baixas, a par dos défices orçamentais e níveis de desemprego mais elevados.

O caso mais grave é o da Grécia, que acumulará em 2011 uma recessão de 3 por cento, um défice de 7,4 por cento do PIB e 15 por cento de desempregados. A Espanha terá um défice de 6,4 por cento, uma taxa de desemprego de 20,2 por cento da população activa e um crescimento de 0,7 por cento.

	2010		2011		2012	
	Governo*	CE	Governo*	CE	Governo	CE
PIB	1,3	1,3	0,2	-1		0,8
Desemprego	10,6	10,5	10,8	11,1		11,2
Défice	7,3	7,3	4,6	4,9	3	5,1
Dívida	82,1	82,8	86,6	88,8		92,4
Exportações	8,6	9,1	7,3	5,6		6,4

*Previsões do OE2011

FONTE: CE, Governo.